

QUATRO ANOS DE QUÊ?¹

Extrapolar a sala de aula e compreender a relação ensino-aprendizagem como conjunção de múltiplas e plurais atividades de pesquisa, extensão, culturais e políticas constitui um desafio

O tempo universitário, no qual o estudante freqüenta a instituição, sem dúvida é tempo precioso de vida, transcorrido em momento muito especial de abertura e curiosidade vital pelo mundo, por si e pelos outros. Momento essencial de formação, enquanto indivíduo e cidadão. Momentos de (certa) disponibilidade, de paradoxais e intensos desejos e interesses. Pensar os quatro anos de Universidade significa, portanto e inevitavelmente, refletir sobre o sentido mais profundo de (como) dedicar esta parcela fundamental de vida ao curso universitário. Vale a pena? Eis a questão primordial.

Infelizmente o balanço parece ser negativo. Em geral a sintonia entre este momento especial de vida e a "vida" universitária parece muitas vezes não se realizar. Hoje o fosso quase sempre existente entre vida e "vida" acadêmica pode derivar de uma diversidade de dimensões, algumas imanentes à instituição, outras to-

talmente sobrepostas e mesmo impostas ao seu fluir.

Os dilemas próprios da juventude; o atual e forte apelo do mercado de trabalho e de necessidades, efetivas ou construídas através da lógica do consumo capitalista, de (sobre)vivência; a situação de desmonte deliberado a que estão submetidas as Universidades públicas e sua indigência de condições de trabalho/salário e de estudo, dentre inúmeros outros componentes, que independem da vontade da instituição e de seus partícipes, aprofundam esta ruptura e este fosso.

Mas contribuição significativa ao descompasso entre vida e "vida" acadêmica decorre em linhagem e responsabilidade direta das práticas e formulações da instituição universitária, feridas muitas vezes por um tradicionalismo arcaico, pela aceitação acrítica de uma visão burocrática da vida e da Universidade, pela absoluta ausência de criatividade e sintonia com as questões existenciais e essenciais da contemporaneidade e/ou por um descompromisso e falta de dedicação inadmissíveis de seus quadros.

O AUTOR

Antônio Albino Canelas Rubim

Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

VIDA UNIVERSITÁRIA

Resta ao estudante o consolo do diploma ganho? O aluno que assim pensa e deste modo se comporta em nada difere daqueles

1. Artigo apresentado no I Seminário Nacional de Qualidade de Ensino em Comunicação, organizado pela Enecos-Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, Brasília-UnB, de 16 a 18 de julho/95.

professores e funcionários que igualmente fingem viver a Universidade. O já famoso “pacto da mediocridade” está então devidamente acordado e definitivamente selado e aceito. Cabe aqui a questão: será tal situação irreversível e sem saída?

Se imaginamos que tal itinerário não nos está predestinado, a questão que agora nos interpela passa a ser: como reverter esta situação? Como pensar e construir, pois não se trata apenas de imaginar, uma outra Universidade e um outro curso de comunicação que, ao reter qualidade, seduza e realize uma formação que satisfaça, recompondo no limite possível a interação entre vida e vida (agora sem aspas) universitária? Como, em suma, ganhar estes anos? Em primeiríssimo lugar, lutar com todas as forças contra a redução da vida e da formação universitária à sala de aula. Tal redução talvez seja o resultado mais profundo da intervenção da ditadura militar na Universidade brasileira.

Com todos os limites e sem nenhuma nostalgia, a Universidade, antes de ser agredida, em processo por muitas vezes paulatino vinha adquirindo uma vida mais plural com a presença de inúmeras modalidades de atividades que começavam a habitar o espaço/tempo universitários: a política, a cultura, a pesquisa, a extensão, a preocupação com os grandes temas nacionais etc.

Rebelar-se com esta redução; buscar trajetórias e meios para, ao desconstruí-la, simultânea e intrinsecamente refazer a instituição em concepções e configurações radicalmente diversas — complexas, plurais e criativas — torna-se então essencial ao reinventar da Universidade e de sua (nossas) vida(s).

A Universidade deve ser concebida e realizada como conjunção, em complexidade e diversidade, de uma rica multiplicidade de atividades, onde a sala de aula aparece apenas como um momento, sem dúvida fundamental e obrigatoriamente melhor qualificado que hoje, mas nunca como atividade única e absoluta.

CURRÍCULO

Isto implica, sem mais, no reconhecimento de que o conhecimento pode ser adquirido, transmitido e criado através de uma diversidade de modalidades. Nesse sentido, o curso universitário deve incorporar além da “tradicional” sala de aula (cada vez mais qualificada): disciplinas realizadas tutorialmente; estudos orientados; oficinas com produtos laboratoriais obrigatórios para a publicação dos trabalhos, simulação do exercício profissional e experimentação; debates e conferências periódicas e abertas, objetivando uma interação intensa com as multifacetadas vozes e visões sociais e com as temáticas inscritas em relevância na atualidade etc.

Atividades de extensão e de pesquisa devem ser obrigatoriamente vivenciadas pelos estudantes como atividades também localizadas no interior do curso/currículo e não apenas opcionalmente como atividades extracurso.

Nesta ótica, o currículo, antes de ser um conjunto de disciplinas, entendidas quase sempre como sala de aula, surge concebido como reunião de atividades, inclusive de pesquisa e de extensão, em formatações plurais e sempre adequadas aos conteúdos a serem trabalhados. Não existem, por conseguinte, formas canônicas de ensino.

Além de estar aberto aos conteúdos mutantes e atualizados aceleradamente pela contemporaneidade e às formatações múltiplas e adequadas, o curso, inclusive em sua tradução curricular, deve possibilitar e comportar a liberdade e a correlata responsabilidade dos estudantes de construírem no cotidiano acadêmico seu curso/currículo. Assim as atividades optativas de escolha dos alunos a partir de um leque predeterminado, mas expressivo e rico de possibilidades, devem ser vivamente estimuladas e contempladas.

Mas a vida e o curso universitários não podem ser reduzidos ao "curso", ao instituído no currículo. Indispensável também a existência plural e continuada de um conjunto de atividades extracurrículo para atender aos anseios acadêmicos mais específicos de alunos e mesmo aos interesses e potenciais diferenciados de alguns estudantes.

Daí a necessidade imperiosa de que uma Universidade e um curso qualificados realizem de modo permanente e cotidiano seminários, cursos, debates, oficinas, conferências, encontros, exposições, mostras etc, além de atividades laboratoriais, nas quais se efetuem estágios e, especialmente e com destaque, a pesquisa.

A afirmação da Universidade, enquanto tal, sua não deterioração em mero *escolão* de terceiro grau, está de maneira umbilical ligada à questão da produção do saber, seja ele científico, artístico ou cultural, em um sentido mais largo. Sem esta produção de conhecimento, que supõe sempre pesquisa, a Universidade não pode com seriedade ser assim nomeada. A criação de conhecimento aparece então como cerne, como momento essencial da instituição e elemento fundamental pela qualidade

de seu ensino. Sem conhecimento novo, em sua diversidade de modalidades culturais, o ensino torna-se, na melhor e mais remota das hipóteses, dada a comum não ambiência de estudos em lugares onde inexiste a pesquisa, mera transmissão do conhecimento já estocado pela instituição universitária.

O requisito óbvio para a realização deste complexo curso que extravasa o obrigado pelo currículo: não só condições de trabalho e salário satisfatórias, mas um corpo de professores e funcionários técnico-administrativos qualificados, que se identifique com seu trabalho, criativos, produtivos, com iniciativa, com lideranças acadêmicas e, em especial, articulados em torno de um projeto acadêmico de curso e de Universidade.

Aliás, talvez o maior desafio hoje colocado à Universidade e aos seus cursos seja justamente a construção de projeto(s) acadêmico(s), sem os quais a instituição e o curso ficam desprovidos de sua coluna vertebral, de suas singularidades e, por conseguinte, de suas identidades.

No caso do curso universitário, o projeto acadêmico, construído a partir das potencialidades e negociações intelecto-vivenciais de seus professores, estudantes e funcionários, deve traduzir-se em um currículo pleno específico. A existência dos autoritários e centralizados currículos mínimos interdita esta tradução, obrigando os cursos a realizarem verdadeiras acrobacias intelectuais que terminam por desacreditar a diferença e possível riqueza de seus projetos e de seus currículos. Com isto se impõe um inosso e padronizado currículo que não traz benefícios a ninguém. Acabar com os currículos mínimos definidos de modo centralizado torna-se

questão chave para sua verdadeira autonomia que necessita perpassar o fundante registro da pedagogia.

CULTURA

Para além do currículo e do curso, os tempos, os espaços e as atividades de convivência emergem como essenciais para a constituição de "tribos" universitárias que, em rede de vivências e publicização, possam configurar uma vida e um espírito verdadeiramente universitários.

As atividades extra-aula, sejam elas de estudo, científicas — de iniciação à pesquisa, por exemplo —, de extensão e estágio universitários, mas também as culturais, políticas, lúdico-recreativas e festivas emergem como fundantes desta nova Universidade.

No campo específico da comunicação, o curso deve buscar uma formação qualificada e articulada, contemplando diferenciadas dimensões do conhecimento. Em um patamar teórico, o currículo pretende uma sólida e generosa formação que possibilite ao estudante trabalhar com conceitos e teorias. Em um nível analítico-informativo, o curso busca dotar o alunato de informações fundamentais acerca da comunicação e de cultura, em seu largo sentido, especialmente no Brasil, e desenvolver sua capacidade de analisar temáticas da atualidade. Já em plano prático profissional, o currículo objetiva possibilitar aos estudantes a experimentação e o domínio das diversas linguagens da comunicação e da cultura contemporâneas. Por fim, todo o currículo deve ser perpas-

sado por conteúdos que realizam uma consistente formação ético-política do comunicador, bem como viabilizem uma compreensão de seu significativo papel na contemporaneidade.

A existência e a conexão desses conteúdos deve buscar evitar uma postura simplória que se detém em uma polarização antagonica entre teoria e prática. Inegável que existe uma tensão, aliás constitutiva dos cursos de comunicação, entre uma antiga demanda profissionalizante e, em formulação mais rigorosa, uma expectativa acadêmica, recente, que representando uma nova demanda social enfatiza e dá atenção a uma atitude mais interpretativa dos fenômenos e ressonâncias da comunicação no mundo contemporâneo.

Na procura de manter e tornar produtiva a tensão constitutiva, o acionamento e a centralidade curricular da noção de *linguagens* operam como procedimento estruturante essencial.

Ao recorrer à noção estruturante de *linguagens*, o curso pode superar, em procedimento simultâneo, o viés teorizante, bem mais comum, e o pensar e o fazer como algo estritamente técnico. A experimentação e o exercício das diferenciadas *linguagens* da comunicação contemporânea, ao requererem sempre e necessariamente conteúdos, exigem que a comunicação seja encarada como complexa atitude e atividade cultural, como produção cultural e como realização de um novo e poderoso poder social.

Para finalizar, parece necessário um condicionante cristalino, sem o qual todo este processo entra em colapso: a sedução e a participação ativa, absolutamente imprescindível, dos estudantes como usuários, mas principalmente também como sujeitos desta Universidade e deste curso qualificados.